

Calabar

PMS FMLF GERIN

BIBLIOTECA

Jornal *A Tarde*

Data *28/04/2001*

Caderno *Local* Página *4*

Seção

Assunto

Bairro Calabar

Calabar, um bairro construído com cidadania

RESISTÊNCIA
Organização foi determinante para conquistas da comunidade

JOSÉ ARAÚJO NETO

O bairro do Calabar é semelhante a muitos outros que nasceram de invasões deflagradas por trabalhadores de baixa renda, mas é também um exemplo de como pode ocorrer desenvolvimento organizado em áreas ocupadas desordenadamente. Localizado entre a Avenida Centenário, o bairro de Ondina e a Federação, um pouco abaixo do Campo Santo, o Calabar é um misto de caos e progresso, modernidade e passado. Sua população, de acordo com o último censo, é superior a 12 mil habitantes.

A aproximação com o cemitério faz parte da história do bairro, cujo nome alguns historiadores atribuem a um quilombo de escravos. Segundo a vice-presidente da Sociedade Beneficente Recreativa do Calabar, Alaíde Gonçalves Ribeiro, na década de 60, quando a invasão começou a crescer, não era incomum os moradores depa-rem-se com restos mortais, trazidos pelas chuvas da encosta do Alto das Pombas. "Os meninos chegavam a jogar futebol com crânios", comentou a líder comunitária, lembrando as dificuldades então enfrentadas.

Todavia, com o desenvolvimento da cidade, que provocou a expansão urbana na direção da orla, os invasores se viram cercados por enormes arranha-céus. Os novos vizinhos eram de classe média e classe média alta, residiam em bairros como o Jardim Apipema e tinham um verdadeiro pavor dos "invasores", que, na realidade, eram os verdadeiros colonizadores do local.

Repressão

Esta aversão dos novos mora-



dores, que é um preconceito muito arraigado à cultura baiana, trouxe consigo a repressão do sistema, que, na época, segundo Alaíde, tinha como prefeito o atual senador Antonio Carlos Magalhães. "Tentaram nos expulsar de qualquer jeito; era Polícia Montada com cachorro e bomba de gás lacrimogêneo, agindo com muita violência", comentou Alaíde, salientando contudo ter o povo resistido, lembrando mesmo os antigos ascendentes escravos, dos quilombos. "A polícia destruiu os barracos de dia, e nós reconstruíamos tudo à noite", revelou.

Desta reação nasceu o espírito comunitário no bairro, em que se destacaram jovens lideranças, associações de moradores, a rádio comunitária e a Escola Aberta do Calabar, cuja pedagogia se baseava no método criado pelo educador Paulo Freire. O preconceito da classe média, no entanto, não diminuiu e, até hoje, segundo Alaíde, quando ocorre um roubo ou um furto nos arredores, muitos relacionam aos moradores do Calabar.

"Nada que a gente faça aqui, agrada a eles; as nossas festas, então, incomodam tanto a ponto de chamarem a polícia", ressaltou a professora Nilza Santos, ressaltando que mesmo a rádio comunitária, um instrumento muito eficaz na época da repressão, já foi motivo de discórdia. Agora, "A voz do Calabar" está sendo novamente reativada, com a ajuda de estudantes da Facom. "Ela servirá para aglutinar os moradores, servindo para divulgar os novos serviços e projetos de interesse comum, além de fazer uma programação recreativa e educacional", explicou a aluna de Comunicação, Ana Paula Boni, 20 anos, que fazia uma pesquisa na comunida-



Antiga invasão incrustada entre bairros de classe média, o Calabar tem atualmente mais de 12 mil habitantes

de, sobre o perfil da nova rádio, que terá muito mais alcance que a anterior, por causa dos novos e modernos equipamentos adquiridos pela Conder.

O grande problema do bairro, hoje em dia, não é mais a repressão do Estado, mas o saneamento básico. Atualmente, a atuação da polícia é elogiada por todos os moradores, que chegam inclusive a defender os militares do posto da 41ª Cia. Independente da PM, quando ocorre alguma detenção, pois eles estariam sempre dispostos a dialogar e aconselhar, antes de utilizarem a força.

Segundo o primeiro-secretário da Sociedade Beneficente, Edson Pereira da Silva, a urbanização do Calabar foi realizada pelo prefeito Mário Kertész, mas não teve ma-

nutenção ao longo dos anos. Em consequência, as escadarias e as placas de concreto que forram o piso e servem de caminho entre as encostas estão rachadas, colocando em risco os transeuntes.

"A situação piorou ainda mais depois do Bahia Azul", ressaltou Edson, mostrando locais onde as placas estão soltas, porque os operários da empresa terceirizada teriam realizado um serviço malfeito. "Eles colocaram tubos muito estreitos; com isso, quando chove e a água desce forte do Alto das Pombas, a vazão é superior à largura dos canos e alaga tudo", explicou ele, indicando locais como a Rua do Riacho, Rua Direta da Baixa do Tubo, Travessa Jasmim e a Rua Nova do Calabar como as áreas mais afetadas.

ONDE FICA



Saneamento é a maior pendência

Se falta saneamento básico para a população, houve ganho em outros setores, como saúde pública e habitação. O posto médico do bairro, apesar de pequeno, é muito eficiente, produto de uma doação da Fundação José Silveira, cujo patrono, recentemente falecido, é considerado o grande benemerito do bairro, pois, além do posto, ajudou a construir o prédio Multiuso, onde ensinam atividades profissionais, como reciclagem de papel, costura e mercearia, e artísticas, dança e música.

Um médico do posto, que costuma atender mais de 20 pessoas por dia, contudo, fez uma crítica. Para ele, urge que a prefeitura providencie a pavimentação da entrada do Calabar, que continua a mesma desde a década de 70, ou seja, parece ainda uma entrada de invasão. "Eu já furei o pneu do meu carro várias vezes vindo trabalhar", disse o profissional, que aproveitou

para mostrar a realidade da medicina pública, exibindo o contracheque, no qual consta o salário de um médico estadual: R\$ 272,36 mensais.

Apesar de ganharem pouco, os médicos do posto atendem uma demanda considerável. Uma das funcionárias disse que, mesmo sendo de nível dois, o posto médico Ivone Silveira arca com a responsabilidade de um de nível quatro, pois faz planejamento familiar, coloca Dispositivo Intra-Uterino (DIU) e programas preventivos para mulheres e adolescentes, precisando, desta forma, de uma ampliação urgentemente.

Ao lado do posto, há o Projeto Viver Melhor, uma das maiores intervenções da administração estadual no bairro. Foram construídos prédios urbanizados sobre uma favela das mais marginalizadas, na qual os moradores residiam sobre a lama e disputavam o espaço

com os ratos. Agora, gente como Tatiane de Oliveira, 23 anos, que vivia com o marido e o filhinho em uma subabitação, reside em um apartamento de dois quartos, com cozinha, banheiro e dependência.

Escola pode fechar

Na Escola Aberta do Calabar estudam, atualmente, mais de 300 crianças, da primeira à quarta série do ensino fundamental. Porém, como a associação vive de doações, a escola corre o risco de fechar por falta de recursos para pagar as professoras. Uma delas já pediu demissão, e outras 13 ameaçam fazer o mesmo, pois estão há três meses sem receber salário. "Precisamos da ajuda de alguma empresa ou órgão governamental, pois é a única escola do bairro e, sem ela, muitas crianças ficarão sem educação", pediu Nilza.

Foto: Gildo Lima



Marcada pela resistência cultural, população do Calabar se impõe à vizinhança rica